a 25ª hora

VIRGIL GHEORGHIU

a 25ª hora

Tradução de André Telles

intrínseca

Copyright © PLON, 1990

TÍTULO ORIGINAL
Ora 25

Traduzido da edição francesa (*La Vingt-Cinquème Heure*)

PREPARAÇÃO
Suelen Lopes

REVISÃO
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G341v

Gheorghiu, C.Virgil, 1916-1992
A 25ª hora / C.Virgil Gheorghiu ; tradução André Telles. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
352 p. ; 23 cm.

Tradução de: La 25e heure
ISBN 978-85-8057-554-5

1. Romance romeno. I. Telles, André, 1956-. II. Título.

14-12020 CDD: 859.2
CDU: 821.133.1(498)-2

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

A história, como o drama e o romance, é filha da mitologia. É uma forma singular de compreensão e expressão, na qual — assim como nos contos de fadas amados pelas crianças e nos sonhos típicos dos adultos sofisticados — a linha demarcatória entre o real e o imaginário não foi traçada. Dizem, por exemplo, a respeito da Ilíada*, que aquele que resolve lê-la como um relato histórico nela encontra ficção, e, em contrapartida, que aquele que a lê como uma lenda nela encontra a história. Nesse aspecto, todos os livros de história assemelham-se à* Ilíada*, pois não conseguem nunca eliminar inteiramente a ficção. O simples fato de escolher, combinar e apresentar os fatos constitui uma técnica que pertence ao domínio da ficção…*

Arnold J. Toynbee
A Study of History

Fântâna

I

— Não posso acreditar que esteja de partida! — disse Suzanna a Iohann Moritz, abraçando-o.

Levou as mãos à cabeça do homem e acariciou-lhe os cabelos pretos. Ele deu um passo para trás.

— Por que não acredita? — respondeu ele, num tom de voz seco. — Partirei depois de amanhã, ao amanhecer.

— Eu sei! — murmurou ela.

Permaneciam de pé, junto à sebe. Fazia frio. Passara da meia-noite. Iohann tomou as mãos da mulher, deixou-as cair e disse:

— Então, até logo!

— Fique um pouco mais! — suplicava ela.

— Por que deseja que eu fique? — Sua voz era firme, decidida. — Está tarde. Amanhã tenho que trabalhar.

Ela não respondeu, mas o apertou ainda mais nos braços. Entreabrindo a camisa do homem, ela pousou a face em seu peito e ergueu os olhos.

— As estrelas são lindas! — disse.

Ele, por sua vez, esperava algo importante. Acreditava que ela o retivera por isso. E ela vinha falar de estrelas. Desvencilhou-se, quis ir embora. Mas se lembrou de sua partida iminente e de que ficaria ausente no mínimo três anos. Então, para agradá-la, também contemplou as estrelas.

— É verdade que todo homem tem sua estrela no céu? É verdade que ela vira uma estrela cadente quando ele morre?

— E eu lá sei? — respondeu ele. Agora estava decidido a partir. — Até logo!

— Será que também temos estrelas lá no alto? — perguntou ela.

— Como todo mundo — respondeu Moritz. — Lá no alto ou dentro de nós.

Pegou a cabeça da mulher entre as mãos e afastou-a de seu peito. Em seguida, partiu. Ela o acompanhou até o caminho, segurando-lhe a mão. Olhava para as estrelas, depois para ele.

— Espero-o amanhã à noite! — disse ela.

— Se não chover.

Suzanna gostaria de não deixá-lo ainda, de suplicar que ele viesse, mesmo se chovesse. Mas ele se afastava a passos largos. Desapareceu na curva do caminho, atrás do jardim. A mulher permaneceu por um momento no mesmo lugar. Alisou o vestido na altura do quadril, para retirar os carrapichos agarrados ao tecido. Antes de voltar ao quintal, observou o capim amassado sob a nogueira, onde haviam se deitado um perto do outro. Ainda sentia nas narinas o cheiro do corpo de Moritz — um cheiro de capim amassado, tabaco e caroço de cereja.

Assobiando, Iohann Moritz atravessou o campo e tomou a direção de casa. Usava compridas calças pretas de soldado e uma camisa branca com o colarinho aberto. Estava descalço. Às vezes parava de assobiar para bocejar. Pensou então na mulher que acabava de deixar. Pensou em Suzanna. Arrependeu-se de não ter sorrido para ela. "Suas histórias de estrelas... Mulheres são iguais a crianças. Fazem um monte de perguntas inúteis", ruminou. Pensou então na viagem que ia fazer dali a dois dias. Pensou na América. Depois não pensou em mais nada. Voltou a assobiar. Tinha sono. Queria já estar em casa, dormindo. Devia acordar bem cedo. Era seu último dia de trabalho. E estava prestes a amanhecer. Dali a poucas horas, o dia teria nascido. Iohann Moritz apertou o passo.

2

Raiava o dia quando Iohann Moritz parou diante da fonte da aldeia e, abrindo amplamente a camisa, pegou a água com as mãos e esfregou-a no rosto e no pescoço. Foi então até o meio da rua e secou as mãos, passando-as no cabelo. Ajeitou o colarinho da camisa sem fechá-lo e observou a aldeia. A cerração leitosa se dissipava. Era a aldeia de Fântâna, na Romênia. Iohann Moritz nascera ali, vinte e oito anos atrás. E agora, enquanto contemplava aquela aldeia, com suas pequenas casas e os três campanários de suas três igrejas — a ortodoxa, a católica e a protestante —, lembrou-se de que, na véspera, Suzanna lhe perguntara se ele não iria morrer de saudades dali. Na hora, ele rira, achando graça da pergunta, e respondera que era um homem. Apenas as mulheres podiam sentir saudades. Mas agora sentia como se um vago arrependimento o invadisse. Voltou a assobiar e desviou os olhos.

A casa do padre Alexandru Koruga ficava na beira da estrada, não longe da igreja ortodoxa. A porta estava fechada. Iohann debruçou-se e pegou a chave

escondida sob o capacho para que pudesse entrar de manhã, quando chegasse para trabalhar. Abriu a pesada porta de carvalho, sem pressa, e adentrou o quintal. Os cães correram ao seu encontro, pulando à sua volta. Conheciam-no bem, pois já fazia seis anos que Iohann Moritz trabalhava para o padre Alexandru Koruga; todos os dias dos últimos seis anos: lá, sentia-se em casa. Mas aquele era seu último dia de trabalho. Passaria o dia colhendo maçãs. Depois receberia o que lhe era devido e comunicaria sua partida. O padre ainda não sabia de nada.

Iohann Moritz entrou no celeiro, pegou os cestos e os acomodou na carroça. O padre apareceu na sacada. Vestia apenas uma camisa de linho branco e calças compridas. Acabara de se levantar. Moritz, sorrindo, cumprimentou-o. Colocou o cesto no chão, esfregou as mãos, subiu até a sacada e tomou das mãos do ancião a cumbuca cheia d'água.

— Espere, vou despejar.

Iohann Moritz despejou água nas mãos do padre. Observava os dedos daquelas mãos, compridos e fusiformes — dedos de mulher de pele branca. Observava com prazer o velho fazer espuma na barba, no pescoço, na testa. De tanto admirá-lo, esquecia-se de despejar a água. O padre aguardava, estendendo as mãos cobertas de espuma. E Moritz sentia-se culpado e ruborizava.

O padre Koruga era o pope da aldeia. Tinha apenas cinquenta anos, mas sua barba e cabelo já eram brancos feito prata. Seu corpo comprido, esguio, descarnado, lembrava o dos santos que vemos nos ícones das igrejas ortodoxas. Um autêntico corpo de ancião. Porém, encontrando seu olhar, ouvindo-o falar, percebia-se que era um homem mais jovem. Assim que acabou de se lavar, o padre enxugou o rosto e o pescoço numa toalha grossa. Moritz continuava em pé, com a cumbuca na mão, à sua frente.

— Eu gostaria de conversar com o senhor, meu padre — disse ele.

— Espere eu me vestir — respondeu o padre.

E, pegando de volta a cumbuca das mãos de Iohann Moritz, entrou em casa. À soleira da porta, virou-se.

— Também tenho um assunto para conversar com você — disse, sorrindo. — Você vai gostar. Enquanto isso, coloque os cestos na carroça e atrele.

A manhã inteira, Iohann Moritz e o padre Koruga colheram maçãs e encheram cestos. Trabalhavam em silêncio. Quando o sol dardejou seus ombros, o padre parou e estendeu os braços, cansado.

— Descansemos um pouco!

— Descansemos — concordou Moritz.

Dirigiram-se até os sacos cheios de maçãs e sentaram-se em cima deles. Mantinham-se calados. O padre procurou nos bolsos o maço de cigarros que sempre levava para os dois e o estendeu para Moritz.

— Queria conversar? — inquiriu o padre.

— Sim, queria.

Moritz acendeu o cigarro. Jogou o fósforo na relva e observou-o apagar-se. Era difícil para ele comunicar sua partida ao padre. Preferiria esperar um pouco mais.

— Primeiro, quero lhe dar a minha notícia — disse o padre.

Moritz ficou contente por não ter de falar primeiro.

— O quartinho junto à cozinha está vago — informou o padre —, e me perguntei se você não gostaria de se mudar para lá. Minha mulher acabou de caiar e colocou cortinas nas janelas e roupa de cama limpa. Sua casa é muito apertada. Você e seus pais possuem apenas um quarto. Amanhã, quando vier trabalhar, traga suas coisas.

— Não virei amanhã.

— Então, depois de amanhã — disse o padre. — A partir de hoje o quarto é seu.

— Não virei nunca mais — disse Moritz. — Amanhã viajo para os Estados Unidos.

— Amanhã? — O padre esbugalhou os olhos.

— Amanhã bem cedo.

A voz de Moritz era firme, embora velada pelo remorso.

— Recebi uma carta, o navio está em Constança, só tenho três dias.

O padre sabia perfeitamente que Moritz queria ir para os Estados Unidos. Muitos jovens camponeses partiam para lá e, dois, três anos depois voltavam com dinheiro e compravam terras e as casas mais bonitas da aldeia. O padre estava contente por Moritz. Em poucos anos, ele também teria belas terras. Mas surpreendia-se com a premência da viagem. Moritz jamais tocara no assunto com ele, e eles haviam trabalhado o tempo todo lado a lado, diariamente.

— Só ontem recebi a carta — disse Moritz.

— Vai sozinho?

— Com Ghitza Ion. No navio, trabalharemos como operários. Trabalharemos nas caldeiras, assim não precisaremos pagar quinhentos lei por

pessoa. Ghitza tem um amigo em Constança que trabalha no porto e providenciou tudo.

O padre lhe desejou boa sorte. Lamentava sua partida. Iohann Moritz era jovem, bom trabalhador. Apesar de pobre, era generoso e honesto. Não possuía um alqueire de terra. Os dois homens trabalhavam de sol a sol. O velho falava dos Estados Unidos. Moritz escutava. Em diversas ocasiões, suspirou. Agora estava quase arrependido de sua decisão.

À noite, depois de receber seu salário, Moritz permaneceu de olhos baixos diante do padre. Conservou-se assim ainda por um momento. Não tinha forças para ir embora. O velho deu-lhe um tapinha no ombro.

— Escreva-me assim que chegar — pediu. — Amanhã de manhã, passe para pegar o farnel que prometi. Terá o que comer durante a viagem.

Ainda lhe deu cinco cédulas de cem lei e prosseguiu:

— Chegue bem cedo. Bata discretamente na janela. É preferível que minha mulher não ouça; mulheres costumam ser avarentas, você sabe. Deixarei tudo preparado hoje à noite. Quando pretende partir?

— Devo encontrar Ghitza Ion na saída da aldeia, ao amanhecer.

— Justo o tempo de passar lá em casa. Caso contrário, eu lhe diria para vir esta noite.

— Prefiro amanhã — disse Iohann Moritz.

Imaginava que Suzanna o esperaria aquela noite. Em seguida, partiu.

3

O padre Koruga acomodou o farnel com as provisões sob a janela, encostado à parede. Apagou a luminária e foi se deitar. Antes de dormir, pensou em Iohann Moritz e em sua viagem para os Estados Unidos. Enquanto preparava o farnel, teve a estranha sensação de que era ele quem partia. Trinta anos antes, ele também preparara as bagagens. Acabava justamente de receber o diploma em teologia e fora recrutado como missionário para a colônia ortodoxa do Michigan. Uma semana antes de partir, enviara um telegrama desistindo do posto. Nesse ínterim, conhecera sua mulher e se casara. Desde então era o pope daquela aldeia. A aldeia era pequena, a vida, dura. Arrependera-se de haver desistido de partir. Mas era tarde demais. Os Estados Unidos permaneceram um sonho. Sempre que um camponês partia para lá, ele lhe dava

cigarros, provisões, um pouco de dinheiro e lhe pedia para escrever quando chegasse. Fazia tudo isso à revelia da mulher. Ela nada teria a censurá-lo, mas, todas as vezes que pensava nos Estados Unidos, o velho tinha a impressão de ser-lhe infiel. Tinha sido por ela que desistira. Em seu coração, o conflito permanecera latente. Mas a partida de Iohann Moritz não era como a dos demais. Moritz era seu homem de confiança. E, com Iohann Moritz, era um pouco dele mesmo que ia para o Novo Mundo.

A lua estava cheia no céu. O padre Koruga não conseguia dormir. Levantou-se. Acendeu a luz. Foi até a biblioteca, onde as estantes cobriam três paredes do aposento. Pegou um livro. Antes de abri-lo, deu uma espiada nas prateleiras carregadas. Havia livros em inglês, alemão, francês e italiano. Em outra parede, clássicos gregos e latinos. Eram todos velhos amigos. Às vezes ele se perguntava por que não fora lecionar na Universidade. Amigos em Iasi e Bucareste lhe haviam proposto isso. Contudo, por duas vezes recusara a cadeira de História da Igreja. Não se arrependia. Em Fântâna, celebrava a missa nos domingos e dias de festas, e no restante do tempo cuidava da terra, das abelhas, do pomar. À noite, lia. O destino ditava-lhe o futuro. Ele o aceitava. Uma única vez tentara forçar o destino: quando cogitara ir para os Estados Unidos. Deixara tudo em ordem para partir. E, apesar disso, não partira, alguma coisa inesperada interviera. Era tudo. Desde então, desistira de fazer planos.

"Será que realmente", perguntou-se o padre, "não estou arrependido por não ter partido trinta anos atrás? E se não estou, então por que essa estranha exaltação, hoje, dia da partida de Iohann Moritz?" E, puxando a coberta, pensou: "Não é o arrependimento de ter ficado. É a nostalgia de uma coisa que julgamos verdadeira em nossa ilusão, uma coisa que jamais possuiremos. E, se a tocássemos, logo perceberíamos que não era com isso que sonhávamos. Talvez os Estados Unidos não sejam o que eu procurava de verdade. Talvez fosse apenas um pretexto para minha inquietude. Os Estados Unidos são uma invenção de nossa nostalgia. Não tê-lo conhecido poderia perfeitamente ser menos decepcionante do que tê-lo conhecido."

E no entanto o padre Koruga não conseguia dormir. Estava abalado. Esperava com impaciência pelo amanhecer, como se fosse ele quem devesse encontrar Ghitza Ion na saída da aldeia e ir para Constança, onde os esperava o navio "que permaneceria apenas três dias no porto".

Quando despertou ainda estava escuro. O canto dos galos, contudo, já anunciava o sol. A estrada estava deserta, a aldeia, coberta por uma névoa

esbranquiçada. O padre abriu o farnel e acrescentou o maço de cigarros que ficara na mesa. "Se Iohann for embora, não terei ninguém a quem oferecer cigarros e comprei-os para ele", pensou. Pela janela já via o dia raiar. "Ele precisa se apressar para não chegar atrasado ao encontro." Ouviu passos na estrada. Mas eles passaram pela casa e se perderam ao longe. Ele saiu na sacada e se lavou com água fria. Mas Moritz não estava ali para lhe despejar a água.

O sol nasceu. Iohann Moritz não chegara. O padre esperou até a hora do almoço. Despois ruminou que Moritz decerto acordara tarde demais e não tivera tempo de passar para pegar o farnel. "Pena", pensou, "aqui há provisões para três semanas. Teria sido o suficiente também para os primeiros dias, quando chegasse."

— Vem almoçar, Alexandru? — perguntou sua mulher.

Ela apareceu na porta.

— Daqui a pouco — respondeu o padre.

Enfiou o farnel debaixo da cama com um aperto no coração, lastimando ter de desistir de uma coisa, e desistir dela para sempre. Sua última chance de chegar aos Estados Unidos, ao menos por procuração, estava perdida. Trinta anos antes tomara a mesma atitude. Passou à mesa.

"Se Iohann Moritz houvesse levado esse farnel que preparei para ele, eu teria tido a impressão de também estar partindo. *Qui facit per alium facit per se*. Pena que ele não veio", pensou.

4

Ao sair da casa do padre, Iohann Moritz deteve-se na fonte à beira da estrada. Após lavar-se sob a água corrente, dirigiu-se para o outro lado da aldeia, onde morava Nicolae Porfirie. Nicolae Porfirie possuía um terreno no limiar da floresta. Queria vendê-lo. Moritz entrou no quintal.

— Amanhã parto para os Estados Unidos — disse. — Quando voltar, terei dinheiro suficiente para comprar essa pequena propriedade. De toda forma, antes de partir, gostaria de lhe deixar um sinal para que não a ceda a mais ninguém.

— Quanto tempo ficará por lá? — perguntou o camponês.

— Até juntar meu pé de meia. Dois ou três anos.

— Três anos é um prazo razoável. Ninguém ficou mais de três anos. Nos Estados Unidos é fácil ganhar dinheiro.

— Quanto você quer? — indagou Moritz.

— Não preciso de dinheiro. Se voltar em três anos com cinquenta mil lei, terá minha propriedade. Não a cederei a mais ninguém. Aguardo sua volta.

Mesmo assim, Moritz puxou do bolso da calça um maço de cédulas e contou-as na soleira da casa.

— Aqui estão três mil lei! — disse. — É melhor que eu lhe deixe um sinal.

Iohann Moritz apertou a mão de Nicolae Porfirie: negócio fechado. Partiu. Ainda não escurecera. Queria ver o terreno. Já o vira inúmeras vezes. Conhecia-o minuciosamente, mas agora era outra história. Agora ele era seu; era só retornar com o dinheiro.

5

Iohann Moritz cortou caminho pelos campos. Avançava a passos largos. Sua camisa grudava na pele suada. Estava impaciente. Ao chegar diante do bosque de carvalhos, parou. Seu terreno estendia-se do ponto onde ele se encontrava até o limite da floresta. Estava plantado com milho, que lhe batia na altura dos ombros. O terreno não era grande, mas nele cabiam uma casa, um quintal e um pomar. Com os olhos, calculou comprimento e largura. Acima do milharal, via erguer-se o telhado da casa, o longo braço do poço com alavanca, a grande porta de carvalho, o estábulo. Muitas vezes vira tudo isso erguer-se diante dos seus olhos, porém jamais com tamanha nitidez. Tudo parecia verdadeiro, tal como ele desejara. Iohann Moritz sorriu. O vento curvava as hastes verdes do milharal, que moviam-se como ondas. Ele escutava seu rumorejar. Debruçou e apanhou um punhado de terra. Sua mão sentiu a tepidez de um ser vivo, o calor de um corpo. O calor de um pardal em nossos dedos. Iohann Moritz debruçou novamente e, com a mão direita, recolheu um punhado de terra. Fechou as mãos com força, depois abriu-as e deixou que a terra escorresse por entre os dedos. Avançou através do milharal, na direção da floresta. No meio da plantação, contudo, voltou a abaixar-se para recolher outro punhado terra. "Esta também é quente", pensou. Acariciou a face com ela. Seu cheiro impregnou-o. "É um cheiro de fumo. Como a terra cheira bem", pensou. Iohann Moritz ergueu a cabeça. Respirou diversas ve-

zes, demoradamente, para encher os pulmões com os eflúvios perfumados do solo. Pensou: "Suzanna deve estar à minha espera", e pôs-se a assobiar.

6

A casa de Iorgu Iordan, pai de Suzanna, ficava no limiar da aldeia. Uma casa ampla, com telhado de telhas vermelhas. Atravessando os jardins, Moritz dirigiu-se ao quintal. Então parou e olhou por uma fresta da cerca. Iorgu Iordan apareceu na sacada. Andava pesadamente. Puxou os postigos, depois os ferrolhos, e fechou-os a chave, um depois do outro. Moritz acompanhava todos os seus movimentos. Após haver aferrolhado portas e janelas, Iorgu Iordan observou, desconfiado, à sua volta. Desceu os degraus de madeira, que estalavam sob seu peso de gigante. Como sempre, vestia um paletó esverdeado, botinas e culotes de montaria. Atravessou o jardim em frente à casa e dirigiu-se ao portão. Puxou bruscamente o ferrolho e girou a chave duas vezes. Então, voltou-se, equilibrando-se. Contornou a casa, lançando olhares à sua volta, como se procurasse alguém escondido na sombra. Entrou pela porta dos fundos. Ouviu-se uma chave girar duas vezes na fechadura. O silêncio se instalou. Iorgu Iordan entrou em seu quarto, que tinha as paredes repletas de troféus de caça, cabeças de cervos, lobos e ursos empalhadas. No centro da parede, entre as águias empalhadas e uma galhada de cervo, espingardas de caça, pistolas e cartucheiras. Dos lados da imensa cama, duas peles negras. Iorgu Iordan pisou com suas botas as peles de urso e pegou uma espingarda, que apoiou na cama. Numa gaveta, pegou um revólver, uma vela e uma caixa de fósforos, que deixou na mesa de cabeceira. Sentou-se na beirada da cama, arfante, descalçou as botas e as colocou uma ao lado da outra. Todas as noites, deixava-as no mesmo lugar para encontrá-las no escuro apenas estendendo a mão. Em seguida, despiu-se e deitou-se, afundando nos travesseiros brancos qual um urso na neve. Iohann Moritz viu a luz apagar-se. Ela mingou, tremeluziu e depois sumiu. A janela ficou negra feito um abismo. O quarto de Iolanda, mulher de Iorgu, estava iluminado, mas a luz era modulada e tênue. Antes de chegar à janela, ela atravessava o abajur de seda. Diziam que Iolanda era infeliz. Chegara à aldeia vinte e cinco anos antes, com Iorgu Iordan; estavam a cavalo e haviam apeado na estalagem. Ninguém sabia de onde vieram, mas devia ser de muito longe. Ela era romena, ele não. Mais tarde, soube-se que vieram da Hungria. Ambos

usavam agasalhos de pele. Depois de devorarem grelhados e vinho, haviam dormido no quarto do estalajadeiro. Ele comera como um ogro, ela como um pardal — mal tocara o prato. Três dias depois, as pessoas souberam que eles não deixariam mais a aldeia; e semanas mais tarde, haviam comprado a estalagem. Quando chegou, Iorgu Iordan não sabia uma palavra de romeno. Agora falava-o muito bem. Mesmo assim, não fizera amigos na aldeia. Evitaram, inclusive, matricular Suzanna, a filha, na escola do lugarejo, a fim de que ela não convivesse com os filhos dos outros camponeses; Suzanna estudara na cidade. Os camponeses só viam Iolanda na igreja ortodoxa ou quando ela ia à cidade e passava no coche, ao lado de Iorgu Iordan, mirrada e encarquilhada. O gigante era duas vezes maior que ela. Iolanda tinha cabelos louros como seda fina e olhos azuis. Suzanna era muito parecida com ela. Isso era tudo que sabiam sobre Iorgu Iordan na aldeia. Certo inverno, ele matara um homem que tentara entrar em sua casa. Matara-o com sua espingarda de caça, um tiro bem entre os olhos. Os policiais haviam declarado que Iorgu Iordan estava em seu direito. Podia matar qualquer um que entrasse à noite em sua casa para lhe roubar dinheiro. Os camponeses não eram da opinião dos policiais. Um crime é sempre um crime. Mas o episódio acabou esquecido. Tudo isso acontecera muito tempo atrás. Pelo buraco da cerca Iohann Moritz vira a luz diminuir, tremular fugazmente, depois apagar-se. Fez um funil com as mãos em torno da boca e gritou: Hu! Hu! Hu!

O grito de Moritz rasgou o ar. Seu eco antecedeu o silêncio — que não durou mais que um instante. Postigos se abriram, Suzanna pulou por uma das janelas. Atravessou o jardim, correndo na ponta dos pés. Em seguida, saiu do quintal pelo buraco da cerca, onde Iohann Moritz a aguardava.

7

— Por que escolheu esse grito para me chamar? Por que esse pio? Por quê? — perguntou ela. Ela atravessara a cerca, Moritz quis beijá-la. Ela o evitou. — Já falei para não me chamar mais dessa forma. — Seu coração batia muito forte. Estava assustada.

— Como queria que eu fizesse? — perguntou Iohann Moritz.

— Não sei — respondeu ela. — O pio da coruja dá azar. É prenúncio de morte.

— Contos da carochinha — replicou ele. — É a única ave que canta dia e noite, chova ou faça sol, no verão e no inverno. Só a coruja. Conhece outra? O rouxinol canta apenas no verão. Se eu imitar o canto do rouxinol, seu pai vai perceber que é um homem. Quer que o gigante saiba que sou eu que estou chamando?

— Não, não quero — disse ela —, mas coruja dá azar!

— Não é culpa minha — defendeu-se Moritz. — Por que será que não existe outro pássaro que cante em qualquer estação e a qualquer hora sem anunciar a morte? E depois não vamos mais brigar: chamei-a pela última vez esta noite. A partir de agora não precisaremos mais nos esconder. Amanhã de manhã parto para os Estados Unidos. Quando eu voltar, você será minha mulher. Não terei mais de ficar atrás da cerca e imitar a coruja.

Apertou-a contra si. Enlaçou seu pescoço com os braços. Estavam embaixo da nogueira, no mesmo lugar onde se haviam encontrado na noite da véspera e em todas as noites dos quatro meses que se conheciam. A mulher ficou mais pesada em seus braços. Ele amparou-a, estendeu-a na relva e deitou-se ao seu lado. Seus corpos se misturaram, enrolaram-se como serpentes, como cipós. As mãos procuravam-se no escuro. Ele encontrou os lábios da mulher e contra eles pressionou avidamente os seus. Estavam de olhos fechados. Em algum lugar, no jardim de Iorgu Iordan, os grilos cantavam. Eles continuavam abraçados sem dizer nada. O vestido de Suzanna fazia uma mancha azul na relva. Ela tirara-o, para que sua mãe não o visse amarrotado e manchado. As nuvens de tinta que encobriam a lua haviam se afastado e os ombros nus da mulher brilhavam na sombra. Moritz tirara a camisa para colocá-la sob o corpo de Suzanna. Ao lado dos ombros alvos da mulher, o peito de Moritz era escuro feito a casca de uma árvore.

— Iani — disse ela —, não vá.

— Por que está me falando isso? — replicou ele, entristecido. — Você sabe muito bem que, se eu não for para os Estados Unidos, não terei dinheiro para comprar o terreno. Se eu não possuir uma terra, não poderemos nos casar. Não chegaremos a lugar nenhum se não tivermos casa nem terra. Dentro de três anos estarei de volta com o dinheiro e nos casaremos. Não quer se casar comigo?

— Quero — respondeu ela. — Mas não quero que você parta.

— E com que dinheiro eu compro a terra?

Iohann Moritz esboçou um sorriso.

— Você sabe que já dei um sinal pela terra a Nicolae Porfirie? Quando retornar, pagarei o que falta.

Iohann Moritz contou como dera o dinheiro a Porfirie, como fora vistoriar o terreno, como construiria a casa, o estábulo e tudo o mais.

— Iani, se você partir, não me encontrará viva ao retornar — disse Suzanna, sem escutar a história.

— O que deu em você? — Moritz estava visivelmente aborrecido.

— Nada. Algo me diz. Você pode não acreditar. Mas, quando retornar, estarei morta.

— Não, não estará morta — respondeu Moritz. — Estará, como hoje, na casa de seu pai e sua mãe. Não há por que se preocupar. Você não está sozinha. Não está na casa de estranhos, está na casa de seus pais.

Ela começou a chorar baixinho.

— O que há com você? — perguntou ele. Beijou-a. Os lábios da mulher estavam frios e molhados de lágrimas salgadas. — O que há?

— Você dirá que são ideias de louca. Ideias de mulher. É melhor não falar nada.

— Não direi que são ideias de mulher.

— Acho que meu pai quer me matar — disse ela.

— Quem lhe meteu isso na cabeça? — Sua voz estava ríspida. — Como quer que seu pai a mate?

— Eu sabia que não ia acreditar. Mas estou tremendo de medo. Sinto que ele vai agir. Meu pai notou alguma coisa. Não sei como. É por isso que ele quer me matar.

— Seu pai notou o quê?

— O nosso amor.

Iohann Moritz afastou-se dela. Na relva, o corpo de Suzanna estava claro feito mármore.

— Ele falou com você? — perguntou ele.

— Não.

— Repreendeu-a?

— Não.

— Então de onde tirou que ele notou?

— É meu coração que diz. — Ela não parava de chorar. — Mas não é só meu coração. Hoje, no almoço, quando levei os pratos para a mesa, meu pai me olhou de uma maneira estranha. Depois, gritou: "Vire-se para a pa-

rede!" Eu me virei. Senti seu olhar passear pelos meus quadris. Depois ele me disse: "Vire-se para a janela!" Olhou de novo para mim detidamente. De perfil. Cravou os olhos na minha barriga. Meus quadris. Examinou-me como se examinasse seus cavalos. E gritou, com raiva: "Fora daqui, meretriz!" Não comeu mais. Eu saí. Naquele momento, eu soube que ele percebera. Ele sabe tudo. Meu pai já me repreendeu, quando eu era pequena, inclusive me bateu; ele me bateu até eu sangrar. Mas nunca tinha me chamado de "meretriz". Hoje, na hora do almoço, gritou: "Fora daqui, meretriz!"

— Como ele pôde saber? — perguntou Moritz. — Ele nunca nos viu juntos.

— Nunca nos viu, mas está sabendo.

— Mas como pôde saber?

— Só de me olhar.

Iohann Moritz começou a rir e beijou-a na testa.

— Ele poderia observá-la com um binóculo que não veria nada. Acha que alguém vê assim, quando a gente fez amor? Tudo isso é lorota!

— Sei muito bem que isso não se vê normalmente, mas com meu pai é diferente. Ele sabe direitinho quando é com as éguas dele. Só de olhar para elas, sabe dizer se darão cria. Seus amigos não acreditam.

— Por acaso está grávida?

— Não, não estou.

— Então não há perigo — disse ele. — Dentro de dois ou três anos estarei de volta com o dinheiro. Compraremos a terra e nos casaremos na igreja do padre Koruga. Construiremos uma casa bonita e seremos felizes. Não é verdade, Suzanna?

Ela o abraçou com toda a força. Como se tivesse medo. Tremia.

— Se você ficasse, eu não teria medo — disse ela. — Mas, se for, morrerei de medo. Mesmo se meu pai não me matar com uma espingarda, você não me encontrará viva. Morrerei de medo na sua ausência. Todas as noites eu tranco a porta do quarto e passo o ferrolho. Quando ouço os passos do meu pai, cubro a cabeça com o travesseiro. Tenho medo.

Iohann Moritz acariciou seus ombros. Puxou-a para si. Tomou-a nos braços. Não falaram mais. Ela se sentia feliz perto dele. E ele por não vê-la mais chorar. Quando o galo cantou, eles se levantaram. Suzanna enfiou o vestido, que estava frio e todo molhado de orvalho. Moritz vestiu a

camisa, pegou Suzanna pela mão e acompanhou-a até a cerca. Viu-a então esgueirar-se pela abertura. Ao atravessar, Suzanna emitiu um gritinho. Iohann Moritz debruçou para ver o que estava acontecendo, mas a mulher já não estava mais no quintal. Abraçava-o desesperadamente. Ele nem sequer percebera que ela voltara. Ela tremia como uma folha. Todo seu corpo se sacudia, ela fervia. Iohann Moritz olhou pelo buraco da cerca. A janela do quarto de Suzanna estava iluminada e amplamente aberta. De pijama, Iorgu Iordan andava de um lado para outro, com uma lamparina na mão, como se procurasse algo. Moritz acariciou os cabelos da mulher, apertando-a contra si para impedi-la de ver o pai. Mas ela vira tudo. E era por isso que se aconchegava nele. Nem sequer conseguia chorar de tanto que tremia de medo. Ouviram a voz de Iorgu Iordan xingando. Moritz olhou para o corpo do gigante. Em sua sombra surgiu o vulto franzino de Iolanda. Ela permaneceu assim diante de Iorgu Iordan durante uma fração de segundo. O gigante deu as costas para a janela. Moritz não via mais a mulher, que desaparecera atrás do corpanzil do marido. Em seguida, ele ouviu os gritos de Iolanda, gritos agudos, que dilaceravam a pele como tenazes, penetrando nos poros. A chama se apagou. A janela permaneceu aberta, mas escura. Os gritos de Iolanda perfuravam a noite, cada vez mais desesperados. Extinguiram-se suavemente. Por um momento ainda chegaram até eles, abafados. Moritz e Suzanna tremiam. Os gritos cessaram. A mulher caíra no chão. Iorgu Iordan desferia-lhe pontapés no quarto sem iluminação.

— Mamãe! — exclamou Suzanna. — Ele está matando minha mãe!

Ela escapou dos braços de Moritz. Quis precipitar-se no quintal. Mas ele a segurava com força, acariciando-a. Em seguida, largou-a; também queria correr e acudir aquela mulher que agrediam. Moritz pressentia que logo seria tarde demais. Todos os seus músculos estavam retesados. Mas ele não correu para salvar Iolanda. Não estava armado. O gigante, por sua vez, possuía várias espingardas, era forjado na rocha. Seu instinto lhe proibia o combate. Era inútil.

Iohann Moritz tomou Suzana nos braços. Ela se debatia contra seu peito. Mas ele a mantinha junto de si. Foi embora pela plantação em grandes passadas. Tinha a impressão de que o gigante saíra atrás de Suzanna com uma espingarda na mão. Quis escondê-la. Quis levá-la para bem longe. O mais longe possível da casa com telhado de telhas vermelhas. Corria de olhos fechados.

Julgava ouvir às suas costas os passos do gigante, aproximando-se para matar aquela mulher que ele carregava nos braços.

8

Iohann Moritz cortava caminho através das lavouras para evitar a estrada. Tropeçou diversas vezes no terreno acidentado, mantendo o equilíbrio com dificuldade. Sentia a chegada do cansaço. Devia estar andando havia muito tempo, pois sentia-se esgotado, os braços inertes. Gotas de suor pingavam em seus olhos e o cegavam. Parou no meio de um milharal e depositou seu fardo no chão. Não aguentava mais. Estendeu Suzanna no solo molhado, cobriu seus joelhos com o vestido e pousou as mãos sobre seu peito. Arrancou largas folhas de milho da plantação à sua volta, fez um travesseiro e o colocou sob a cabeça de Suzanna. Em seguida, pegou outras folhas; fez uma cama macia de ramagens e deitou a mulher. Ela permanecia calada. Moritz acariciava-lhe lentamente as têmporas, a face, os cabelos. Então pôs-se de pé. A dor dilacerava seu corpo; sentia os ombros, os braços, todos os músculos como se cravados de espinhos.

"Corri muito tempo", ruminou. Ergueu a cabeça; o céu já estava todo azul. Ele percebeu que estava a poucos passos da floresta de carvalhos. Primeiro não quis acreditar em seus olhos. Devia ser um sonho. Lentamente, caiu em si e pôs-se a tremer feito bambu. Não, não estava sonhando, Suzanna e ele estavam na plantação de Nicolae Porfirie. Havia sido para lá que os levara sua corrida cega. As folhas de milho que acabara de arrancar para fazer uma cama para Suzanna, aquelas folhas sobre as quais ela repousava agora, eram folhas de milho da terra pela qual dera um sinal na véspera.

As lágrimas misturaram-se ao suor no rosto de Iohann Moritz. E ele chorou humildemente por aquela terra que, agora ele sabia, jamais seria sua. Não iria mais para os Estados Unidos.

9

Do ponto onde estava, Iohann Moritz podia ver toda a aldeia. Contemplou as casas brancas, uma a uma, de ponta a ponta da aldeia. Depois olhou para

a mulher deitada aos seus pés sobre as folhas de milho. Interrogando com o olhar cada casa, perguntava-se onde poderia abrigá-la; precisava encontrar um refúgio para ela. Quanto a ele, desistira de partir. Desistira da propriedade, porque a mulher que ele amava precisava dele. Não podia abandoná-la. Mas aquilo não era suficiente. Era preciso encontrar um abrigo para ela. Só podia bater em duas portas: a casa de seus pais ou a do padre Koruga; as demais se fechariam para ele. Os camponeses temiam Iorgu Iordan, todos o temiam. Seus pais tinham apenas um cômodo e não havia lugar para Suzanna. E ele não podia levar para a casa do padre Koruga uma mulher com quem não era casado. Não queria causar problemas para o padre. Se o padre Koruga acolhesse Suzanna, sem dúvida Iorgu Iordan viria, empunhando a espingarda, tirar satisfação; Moritz sabia muito bem, e aquilo não podia acontecer. Contudo, Suzanna não podia continuar naquela situação, no meio de um milharal. Após um momento de reflexão, Iohann Moritz pegou-a novamente nos braços e pôs-se a caminhar em direção à aldeia. A mulher estava pálida. "Deve estar morrendo de medo", pensou ele. Auscultou-lhe o coração. O ritmo era lento. Moritz apertou o passo; queria chegar o mais depressa possível à aldeia.

I O

O sol já nascera quando Moritz chegou em frente à sua casa. Ele deixou Suzanna na soleira, recostada no muro. Admirou a alvorada. Nesse momento, na outra ponta da aldeia, Ghitza Ion devia estar à sua espera. Cerrou os dentes para ganhar coragem, deu as costas para o sol e adentrou a casa. Queria pedir aos pais que recebessem Suzanna. Eles dormiam. Aristitza, mãe de Iohann Moritz, era uma mulher irascível. Moritz gostaria de evitá-la, falar diretamente com o pai. Contudo, assim que atravessou a soleira, Aristitza tirou a cabeça do travesseiro.

— Veio pegar sua bolsa? — perguntou ela. — Está encostada na porta.

Moritz não respondeu nada.

— O que deu em você para ficar aí plantado como uma jarra? — perguntou ela. — Beije sua mãe, se despeça de seu pai e apresse-se. Não gaste todo o dinheiro por lá e trate de trazer algum.

— Não vou mais para os Estados Unidos — respondeu Iohann.

— Não vai mais?!

A velha se levantou de um pulo.

— Não.

— Ghitza também não?

— Sim, Ghitza vai — respondeu Moritz.

Aristitza percebeu que havia algo que não estava claro. Colocou o vestido.

— Por quê? Brigou com Ghitza?

— Não.

— Mas o que deu em você?

Aristitza plantara-se no meio do cômodo. Furiosa, investia contra o filho.

— Não aconteceu absolutamente nada — disse ele. — Quero me casar. Por isso não vou mais viajar.

Sua voz tremia. Não sabia por onde começar, como explicar para eles. Aristitza cravou as unhas nos ombros de Moritz e começou a sacudi-lo.

— Quero falar com o pai — disse Moritz. — Não converso com você.

— Pois é comigo que vai ter de conversar! — gritou ela. — Não foi do ventre do seu pai que você saiu, foi do meu.

— Calma, mulher — disse o pai, botando a cabeça para fora do cobertor.

Queria apaziguá-la. Aristitza nem sequer o escutava. Batia na barriga com as mãos.

— Foram as minhas tripas que você arrancou — disse ela. — Foi meu leite que você bebeu, celerado. E agora recusa-se a falar comigo!

— Falarei com você também — disse Moritz.

Sua mãe soluçava. Ele gostaria de acalmá-la.

— Falarei com você, juro, mas acalme-se.

A velha sentou-se na beirada da cama, segurando a cabeça com as mãos. Estava magoada. Mas a dor não era capaz de fazê-la se calar. Nada era capaz de calá-la.

— Com quem pretende se casar? — gritou.

— Falarei daqui a pouco — disse Moritz —, mas primeiro se acalme.

— Quero saber com quem vai se casar. Sou sua mãe e tenho o direito de saber com quem vai se casar.

— Fale, Ion — atalhou o velho. — Fale para ela calar a boca.

Pressentiam que Aristitza ia voltar a gritar. Iohann Moritz sabia que o nome de Suzanna não acalmaria sua mãe, ao contrário.

—Vou me casar com a filha de Iorgu Iordan — disse ele. — Suzanna.

Aristitza investiu em sua direção. Não para fazer picadinho dele, mas para beijá-lo.

— Compreendo por que desistiu da viagem — disse ela. Beijou-o longamente nos olhos, na testa, no rosto. — Não é tolo de ir para os Estados Unidos, trabalhar feito uma besta de carga e voltar anos depois, sem forças, doente e com míseros milhares de lei no bolso. Seguiu meu conselho, vai se casar com uma moça rica. — Seu olhar brilhava de alegria. — Serei rica — prosseguiu. — Terei vestidos de veludo e um coche. Me mudarei para a casa de Iorgu Iordan. É meu direito. Direito de Aristitza. Fui eu que fiz você inteligente e bonito para que seduzisse e se casasse com a moça mais rica da aldeia, dona de uma casa de pedra, uma adega, muitas terras, além de coche e cavalos.

— Acalme-se, mulher! — exclamou o velho.

Mas sua voz tremia, ele também estava atarantado. A ideia de tantas riquezas mexera com ele. Enrolava um cigarro sem se levantar.

—Vou me instalar na casa de Iorgu Iordan, seu sogro — disse Aristitza. — Você ficará aqui — dirigiu-se ao velho. — Preciso ficar junto do meu filho; quem, melhor do que eu, poderá dar conselhos à sua mulher?

— Mãe, ainda não terminei — disse Moritz.

— Fale o que quiser, meu querido. Sua mãe está escutando.

— Prometa escutar tranquilamente — disse Moritz.

— Prometo tudo que quiser.

Aristitza acariciou sua face.

— Mãe — continuou Moritz —, vou me casar com Suzanna sem o consentimento de Iorgu Iordan.

— O importante é se casar com ela — disse Aristitza. — Serei a sogra da filha de Iorgu Iordan, o ricaço. Tanto faz se ele consente ou não.

— Será sua sogra, mas não será rica!

— E quem terá o dinheiro? — perguntou Aristitza. — Iorgu só tem uma filha. Seja como for, não irá casá-la sem dote. Todos sabem que ele enterrou potes cheios de moedas de ouro na adega. Não se preocupe com o dote. Isso é comigo, você não entende nada do assunto.

— Mãe, é com Suzanna que eu vou casar, não com o dinheiro dela! — exasperou-se Iohann.

— Não quer me enganar dizendo que prefere a garota ao dinheiro, ou quer?

— Sim, mãe.

— Idiota! Mas posso compreendê-lo. Deixe tudo por minha conta. A mim, ninguém engana dessa maneira.

Aristitza já se via discutindo com Iorgu Iordan, determinada a não desistir de uma só moeda.

Iohann Moritz contou a história da véspera. Aristitza estremeceu e perguntou:

— Como? Ela não quer mais voltar para a casa do pai?

— Não — respondeu Iohann Moritz —, o pai dela irá matá-la se voltar.

— Ele a matará, não está brincando — disse o velho. — A garota tem razão, o pai é um verdadeiro animal. Quando está com raiva, pega a espingarda e atira. Até seus cavalos sofreram nas vezes em que ele se enfureceu, e no entanto Deus sabe que ele os preza mais do que os olhos de sua cabeça. Ele seria capaz de matar a filha, se ela voltasse, sobretudo agora que ela fugiu de casa.

— Ainda bem que você entende — disse Moritz.

— Se as coisas estão nesse pé — replicou o velho —, seria difícil não entender. Eu o conheço muito bem, ora.

— Mas daqui a alguns dias poderemos mandá-la de volta para casa — disse Aristitza. — Irei com ela.

— Suzanna não voltará para casa — afirmou Iohann Moritz. — Eu não quero!

— E se ela não tiver dinheiro, o que fará com ela? — perguntou a velha. — Quer morrer de fome com ela? Mulheres, a gente encontra em toda parte. Nenhum homem vai querê-la sem dote. Não me diga que vai fazer essa besteira?

— Eu me casarei com ela sem dote! — replicou ele.

— Ficou louco! Desistir de tudo por uma mulher? Não viajar mais para os Estados Unidos por uma mulher? Por causa dela? E tudo por uma reles mijona!

— Sua mãe tem razão — assentiu o velho. — Não cometa tolices. Viaje para os Estados Unidos. Quando voltar, compre um terreno, construa sua casa e se case. Mulher é o que não falta, ora!

— Não irei mais! — persistiu Moritz.

— Acha que é tarde demais — disse o velho. — Ghitza deve estar à sua espera, do outro lado da aldeia; o sol acaba de raiar. Se correr, pode alcançá-lo.

— Está me pedindo para abandonar a garota e partir? Tem esse tipo de coração, pai?

— Onde está a garota? — perguntou Aristitza.

— Na porta! — respondeu Moritz.

Os velhos estremeceram. Seus rostos se alongaram. Aristitza olhou pela janela. Moritz obstruiu a porta para impedi-la de sair.

— Mãe, quero lhe pedir uma coisa. Receba Suzanna aqui por alguns dias, até eu arranjar um lugar para ela. É sua filha agora.

— Quer que ela more aqui?

A mãe estava furiosa.

— Quer que Iorgu Iordan nos mate, a seu pai e a mim?

— Você sabe muito bem que mal há lugar para nós — disse o velho. — Onde quer que ela durma? Não, Ion, isso não é possível.

— Também quer que a alimentemos, por acaso? — perguntou Aristitza. — Que tiremos a comida da nossa boca para dar a ela?

Iohann Moritz abaixou os olhos. Esperava efetivamente ter de enfrentar sua mãe, mas achava que seu pai não diria nada.

— Então Suzanna ficará aqui apenas até o anoitecer — disse ele. — Não tenho para onde levá-la. À noite, iremos para a cidade e procurarei trabalho. Ela está doente. Precisa descansar um pouco para caminhar até lá. O medo que ela sentiu hoje a derrubou.

— Não temos nada para comer hoje — avisou a velha. — Se deseja que ela morra de fome, pode deixá-la aqui.

— Trarei alguma coisa para ela comer — disse Moritz. — Mas ela precisa dormir, não consegue manter-se de pé.

— Seu pai está doente e precisa ficar na cama o tempo todo — prosseguiu Aristitza. — Onde quer que ela durma? Na mesma cama que seu pai?

— Se não houver lugar dentro de casa, ela dormirá do lado de fora, no feno, onde eu durmo.

— Quanto a isso tudo bem — concordou Aristitza. — Mas não lhe darei nada para comer. Não tenho nada.

Iohann Moritz preparou-se para sair. Parou na soleira da porta e se dirigiu ao pai.

— Sejam bons com ela nesse pequeno intervalo de tempo! Ela já está sofrendo muito!

— Ousa nos ensinar como devemos nos comportar, celerado? — perguntou Aristitza. — O ovo ensina à galinha como chocar? Em vez de ir para os Estados Unidos ganhar dinheiro, você nos joga essa garota nos braços e ainda queria que a alimentássemos. E agora vem nos dar conselhos!

Aristitza abaixou-se para pegar um pedaço de pau e sová-lo. Ele estava habituado aos palavrões e às surras. Toda sua infância resumira-se a uma longa série de surras e insultos.

— Cuidarão bem dela? — disse ele, sorrindo. — Eu volto logo. Vou buscar alguma coisa para ela comer.

E saiu do quarto.

Suzanna não se mexera. Continuava imóvel, em frente à casa. Moritz lhe acariciou o cabelo.

—Vou até a aldeia, logo estarei de volta — disse. — Quer dormir um pouco? Quando acordar, comerá alguma coisa e partiremos para a cidade.

— Não ficaremos aqui? — perguntou ela, assustada ante a ideia de uma nova caminhada.

— Não — disse ele —, venha!

Segurando-a pelas axilas, levantou-a e conduziu-a até os fundos da casa, para o celeiro, onde a estendeu sobre o feno.

— Agora, durma! — disse ele. — Caso contrário, não conseguirá ir a pé até a cidade. São pelo menos vinte quilômetros.

Suzanna sorriu para ele com gratidão. Era bom ficar dormindo, sozinha. Ardia em febre. Seus ouvidos zumbiam. Ela mal o escutava.

— Se a minha mãe vier procurar confusão, deixe-a falar e não responda — orientou Iohann Moritz. — Ela está brava.

Iohann partiu. Ao chegar à estrada, voltou a cabeça para olhá-la. Sorriu novamente, mas ela já fechara os olhos.